

## INFORMAÇÕES ÚTEIS - Comuniquemos conosco

### Lutas pelas liberdades humanas

Muito há fazer no que toca à divulgação do que é a nossa realidade neste domínio e na aplicação do que está legislado. Participe neste processo lendo e divulgando. Contactando a nossa equipe de publicação comunitária ou consultando o centro de documentação da ADRA angolana poderá consultar:

Relatório Sobre o Desenvolvimento Humano de 2000, PNUD.

Um futuro de esperança para as crianças de Angola, UNICEF e Governo de Angola,

Para uma igualdade entre mulheres e homens em Angola, ASDI, Abril 2000.

e outras publicações. O Ondaka está também aberto a publicar relatos factuais.

#### Revitalização do Município da Caála

Como referimos na entrevista com Alberta Gomes, a ADRA angolana é uma das organizações que tem actuado no Município da Caála.

Informámos sobre o Fundo Junta de Bois, uma iniciativa que fornece bois de trabalho a crédito, a camponeses daquela região.

Se conhece experiências de crédito rural em curso neste momento, envie-nos um artigo sobre o assunto.

Se quer dar a sua contribuição financeira para o Fundo Junta de Bois, contacte a ADRA angolana.

#### Contribuições para o Ondaka

Queremos com este boletim contribuir para uma melhor comunicação e aproximação entre comunidades e cidadãos em geral. Ajude-nos!

Se conhece contos que expressem a sabedoria popular, pessoas que conheçam histórias interessantes ou se tem conhecimento de factos de interesse comum (ocorrências que afectem muitas pessoas ou que sejam exemplos a seguir), contacte com as equipes de publicação comunitária no Lossambo, no S. Bartolomeu, no Capango Nzaji, no S. Pedro, no Lumbandi( Km25) ou contacte o escritório



# ONDAKA

#### Editorial

Embora com atraso considerável aqui estamos com o terceiro número do Ondaka.

Problemas no abastecimento de papel e a dependência em relação a um reduzido número de pessoas para fazer a composição e impressão estão ultrapassados. Acreditamos que melhoraremos no que toca à pontualidade...

#### Mês da Mulher

Mais do que abordarmos os problemas ao ritmo do calendário deveríamos tê-los sempre presentes na nossa acção. Plantar uma árvore, dar uma flôr à colega ou fazer um feriado e um discurso no Dia Mundial disto, no Dia Africano daquilo ou no Dia Nacional de outra coisa qualquer, parece pouco. Os problemas de justiça em relação à situação da mulher ou da criança, ou do deslocado, as preocupações com o ambiente, a água, etc devem ser tomados em conta no que fazemos no dia a dia. Devemos olhar para o que se está a fazer (ou devia estar) mas, principalmente, devemos olhar para o papel que cada um de nós (como indivíduos ou organizações) tem tido no que toca a essas diferentes questões. Temos tido um papel activo produzindo mudanças positivas ou temos sido simples observadores? Não teremos por vezes sido cúmplices passivos (ou mais do que isso...) na manutenção de injustiças, e em acções que agridem o meio em que vivemos?

#### Entrevista com Alberta Gomes Uimbo

Mulher, líder reconhecida pelos seus colaboradores (e colaboradoras), Alberta Gomes é a responsável pelo programa da ADRA angolana no Huambo, desde Março de 1998. Assistente Social de formação tem uma grande experiência em desenvolvimento comunitário: trabalhou na Extensão Rural de Angola onde primeiro ganhou contacto e o gosto pelo trabalho comunitário, no Ministério da Agricultura (durante 23 anos) e no Ministério para a Assistência e Reinserção Social. Em 1996 começou a trabalhar no sector não governamental, sempre ligada ao desenvolvimento comunitário. O Ondaka foi conversar com a Alberta (páginas centrais).



#### Neste Número

	Página
Entrevista com Alberta Gomes .....	4 e 5
Notícias .....	6
Luta pelas liberdades humanas no mundo .....	7
Conto local: O Cágado e a Lebre .....	2
A circuncisão .....	3

# O Cágado e a Lebre

Um dia o Cágado e a Lebre puseram-se a discutir sobre quem era o mais rápido.

A Lebre disse ao Cágado que nenhum animal da selva o conseguia superar nas corridas.

O Cágado respondeu: Não acredito! Eu sou capaz!

- Não vale a pena duvidar pois eu já competi muito, disse a Lebre.

- Já fui correr a Benguela e consegui vencer todos.

O Cágado manteve o desafio: Vamos competir! Preparemos a viagem para vermos então quem vai ganhar.

Antes da partida o Cágado

meteu-se no saco da Lebre.

A Lebre chamou por ele

dizendo: -Amigo vamos

embora, ao que este

respondeu - Podes arrancar

que eu sigo-te;

Durante a corrida por vezes a

Lebre chamava pelo Cágado,

e ele respondia 'Eu sigo-te'.

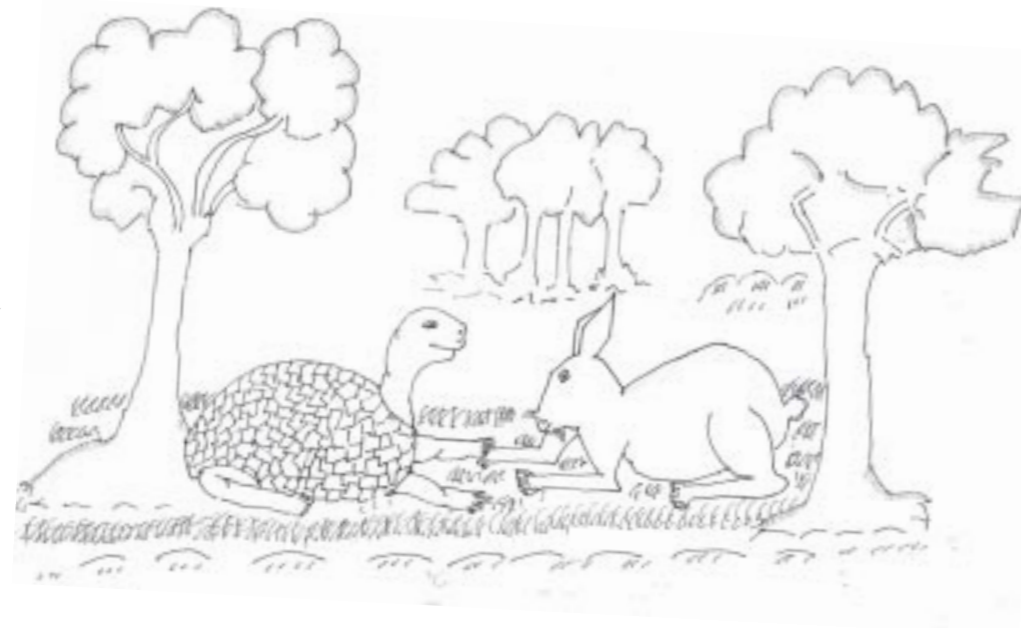
Quando a Lebre se cansou,

parou, pousou o saco no

chão e entrou no mato

para fazer as suas

necessidades.



O Cágado saiu muito rapidamente do saco e disse ao amigo: - Vou esperar por ti.

Depois de pronta a Lebre pendurou o seu saco no ombro e de novo o Cágado entrou muito rapidamente no saco.

Ao chegarem próximo da aldeia o Cágado saiu do saco e entrou imediatamente na povoação enquanto a Lebre repousava.

Os animais da aldeia deram as boas vindas e parabéns ao Cágado pela vitória.

Quando a Lebre chegou os animais disseram: O que é que lhe aconteceu? O seu amigo já chegou há muito tempo.

Infelizmente, tal como o Cágado existem muitas pessoas que vivem à custa do esforço dos outros e ainda são premiados por isso...

# Lutas pelas liberdades humanas no mundo.

A história dos direitos humanos é a história das lutas humanas. De facto, as pessoas nascem habilitadas com certos direitos básicos mas nem a sua realização nem o seu usufruto são automáticos. A história conta-nos como as pessoas tiveram de lutar pelos seus direitos. A pedra angular na luta pelos direitos humanos tem sido sempre o activismo político e os movimentos dos povos, movimentos de libertação nacional, movimentos de camponeses, movimentos das mulheres, movimentos pelos direitos dos povos indígenas. A formalização, legalização e institucionalização desses direitos, construídos sobre as conquistas das pessoas, veio muito mais tarde. No início do século XX, apenas 10% da população mundial vivia em países independentes. A Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 1948, constituiu uma ruptura anunciadora de uma nova era - com a comunidade mundial tomando a realização dos direitos humanos como um assunto de interesse comum e um objectivo de toda a humanidade.

A integração mundial dos países e pessoas, o sistema internacional de direitos humanos universais emergiu durante o último meio século, com um rápido crescimento.

## A LONGA LUTA PELOS DIREITOS DAS MULHERES.

Em 1792 Mary Wollstonecraft publicou uma defesa dos direitos da mulher, defendendo que não é caridade que falta no mundo- mas a justiça. A luta entrou numa nova fase no século XIX. A Índia aboliu o sati (auto-imolação das viúvas) e legalizou o casamento entre castas. A Inglaterra reformulou as leis que regulavam o casamento. A França reconheceu os direitos das mulheres ao divórcio. A China concedeu às mulheres o direito de emprego. Na primeira década do século XX os movimentos ganharam força em vários países. Nas primeiras quatro décadas, as mulheres ganharam direitos que vão desde a Austrália, Canadá, Alemanha, e Holanda. Na mesma época Margaret Sanger nos Estados Unidos Ellen Kelly na Suécia e Shizue Ishimoto no Japão lançaram campanhas pelo direito das mulheres à saúde reprodutiva. Exigiam que a informação sobre a contracepção fosse divulgada a todas as mulheres.



*Entre nós muito há ainda por fazer tanto no que toca à divulgação dos direitos já adquiridos e garantidos por lei como para diminuir o fosso abismal entre o que está legislado e o que é a prática quotidiana.*

*In: Relatório do Desenvolvimento Humano 2000 - Publicado pelo PNUD.*

### ONGs angolanas e internacional formam um comité inter logística.

As ONG angolanas e internacionais sediadas na província do Huambo juntaram-se e analisaram a problemática da logística que tem sido o calcanhar Aquiles de todos. Assim, como resultado de vários encontros, criou-se um comité interlogística que terá o papel de ajudar a resolver alguns problemas logísticos de uma forma coordenada. O comité é composto por 15 Ongs, e é dirigida por um grupo de três pessoas. O presidente, Afonso Quintas, logístico da Ora Internacional, o vice, Alves Cassaco, logístico da Concern e o Secretário executivo Felisberto Nicolau, logístico da D.W.

### Morte Inglória.

Pela calada da noite duas moças residentes na cidade alta, foram passear a convite de um amigo, natural do Uíge, portador de quase 1800 US\$. Beberam, beberam até que o moço se embriagou. Quando as duas moças viram que o moço estava meio inconsciente, tiraram-lhe todo o dinheiro. Quando este deu conta que lhe haviam tirado todo o dinheiro, frustrado preferiu enforcar-se com uma corda na engraxadora que fica junto ao largo 11 Novembro. O caso foi entregue à polícia que nas suas busca conseguiu recuperar algum dinheiro que se encontrava na posse das miúdas. As mesmas encontram-se nesta altura a contas com a justiça.



Será o dinheiro tão importante que justifique o suicídio? Ao perdermos a a vida perdemos tudo. Se nos mantivermos vivos podemos sempre trabalhar e recuperar o que perdemos... Mas a vida não se compra

### Gémeos para a senhora e gémeos para a cadela

Aos 24 de Março, na rua 49 cidade alta, uma senhora de nome Luisa Gomes, deu à luz gémeos. Por coincidência a sua cadela pariu também no mesmo dia dois lindos cachorros! No mesmo dia 24 no bairro da Aviação, uma senhora de 25 anos de idade faleceu durante o parto tendo a criança também falecido. A alegria transformou-se em tristeza porque tiveram que enterrar dois cadáveres no mesmo dia. Alguns comentavam que a morte imediata foi provocada pelo marido pois o mesmo tinha outras namoradas e não realizou tratamentos da terra. Outras versões atribuem a desgraça à mãe que não fazia consultas médicas durante o período em que estava grávida.

Não será que devíamos analisar todos em conjunto as causas da elevada taxa de mortalidade infantil e o risco que as mulheres correm durante a gravidez, no nosso país?.



### Homicídio voluntário na Cawayala I.

A vítima em vida respondia por Chimuco. Tudo aconteceu quando um jovem de nome Leonardo procurou intervir no momento em que Chimuco espancava o seu pai acusando-o de feticheiro. Em vez de acudir pacificamente utilizou uma arma de fogo, alvejando mortalmente o outro. Neste momento Leonardo encontra-se no hospital da Caála pois depois do acto foi alvo de espancamento pela família da vítima. Tão logo recupere os órgãos judiciais tomarão conta do caso.

Não terá esta morte sido provocada pelo número demasiado elevado de armas de fogo na posse das pessoas sem consciência da responsabilidade do que é estar na posse de uma arma?

# Circuncisão

# Evamba

A circuncisão é o acto de cortar o prepúcio, nos homens e os lábios genitais das mulheres. Esta prática não existiu desde os tempos antigos. O acto de cortar o prepúcio apareceu muito depois. O corte estabelece a diferença entre a “evamba” do antigamente e a “evamba” dos tempos actuais.

Os intelectuais tradicionais distinguem dois aspectos de “evamba”.

- a)- Evamba lyolongonge;
- b)- Evamba lyo cisola.

A partir do primeiro dia de ingresso para a “Ocisala” pela manhã vai-se ao rio. Aí aprende-se a cantar, dançar, tocar batoque e a preparar a roupa de ocikanji. A ferida cura com o poder da força do frio. A “navemba” é a mulher que leva comida até à porta. Tem de ser uma que já não menstrua que não tem marido.

O mestre, técnico que procede ou faz o corte, chama-se **Cikungusi**.

O padrinho que trata o recém circuncisado- **Nawa**.  
Senhora que leva comida até à porta de “ocisala” - **Navemba**.

O jovem antes de circuncidado chama-se - **Ocilima**.  
Homem circuncidado - **Ocihenge, Ociluwa, Okangenjo**.

Não circuncidado- **Ocimote**;  
Circuncisado no mato- **Etanda, Ocihalambe; Ocindanda**.

Área de dança e danças de recém circuncisados - **Undanda**.

O acto do circuncisado subir ao palanque de madeira - **Mutala** e cantar- **Ocilondo**;

O boi que se mata para os circuncisados - **Ongombe**



**yekwenje**.

Circuncidador - **Ongwe, Ociluwe**  
Circuncidador de raparigas - **Ociluwe**.

O homem que pratica a circuncisão- **Okuseva evamba, okuseva ukwenje, okuteta evamba**.

Acto de Circuncisar- **Esevo**.  
Circuncisão ou ablação do prepúcio - **Evamba Eyanda, Ondondolo, Ocikovata**.

Cerimónia da operação - em rapazes - **Ekwenje**; em raparigas- **Efeko** Ovimbundu, Efefiko (Mumuilas).

Parte circuncidada, prepúcio - **Ekovelo, Ehovelo**.  
Lugar onde se faz a circuncisão - **Avamba, Etanda, Olusumba**.

Lugar do primeiro curativo no dia seguinte ao de circuncisão - **Akokwilo**;

### Okusengula

Área de circuncisão - **Emanya**

Para ser um verdadeiro “Ciluwe”, faz-se um exame final, com várias provas orais, relatando tudo o que se aprendeu. Todo o “Cihenge” circuncisado terá que apanhar fortes chicotadas até ao final dos “Ovinganji.”

O último dos mascarados tira a máscara e pergunta ao ocilombola quem é ele! é o fulano. É instruído para guardar o segredo por toda a vida, nunca dizendo que lá dentro está uma pessoa, mas sim uma alma do outro mundo “Ocilulu”. Caso revelar o segredo será objecto de desaparecimento, por violar a lei da circuncisão e da instituição a que acaba de pertencer. Em seguida vai passar pelo derradeiro local, onde o Cikungwisi e a Navemba perguntam: Queres ser feiticeiro, ou vais curar. Ali o candidato decide pela vocação que tem. Se disser que vai ser feiticeiro, terá de seguir tal profissão. Caso diga que vai curar, a sua tarefa será somente fazer curas. Daí acabou a faculdade e no final, são levados para as casas de seus pais.



## Entrevista com ALBERTA GOMES UIMBO

**A**lberta Gomes é a responsável pelo programa da ADRA angolana no Huambo desde Março de 1998. Assistente Social de formação tem uma grande experiência em desenvolvimento comunitário: trabalhou na Extensão Rural de Angola onde primeiro ganhou contacto e o gosto pelo trabalho comunitário, no Ministério da Agricultura (durante 23 anos) e no Ministério para a Assistência e Reinserção Social. Em 1996 começou a trabalhar no sector não governamental, sempre ligada ao desenvolvimento comunitário.

**Ondaka (O)** – A ADRA iniciou a actividade no Huambo com um projecto de promoção da paz. Em que medida existem frutos desse trabalho?

**Alberta Gomes (AG)** – Acho que alguns frutos foram colhidos... Apesar de que no início não estava claro para a equipe da ADRA o que se deveria fazer para contribuir para a construção da paz, em 1998 já foi possível clarificarmos o que deveríamos fazer para contribuir para a paz. Conforme o próprio nome do projecto diz 'Elinaliso' (reconciliação, em umbundo). A primeira preocupação foi reunir as forças todas da sociedade civil no Huambo para que todos trabalhássemos para o mesmo fim. Com alguns debates para aclarar qual o papel da sociedade civil na província e com o programa de educação cívica deram-se passos que contribuam para a paz. Não se alcançou a paz é verdade... mas isso não depende só das ONGs! Mas alguma coisa se nota nesse sentido.

**O** – Na região da Caála (onde desempenham no presente uma parte considerável do vosso esforço) é ainda a vertente de construção de paz o vosso foco?

**AG** – Na Caála fazemos mais 'trabalho de terreno': agricultura, saúde, educação. Podemos dizer que em todas as áreas onde estamos a intervir começamos com acções de educação cívica como forma de contribuirmos para a paz. A actividade de terreno na agricultura surgiu depois para consolidar o nosso trabalho no meio rural. Só palavrado não iria ser suficiente, tínhamos de fazer algo de prático.

**O** – Nessa componente 'prática' quais são as principais acções que têm para além dessa parte de mobilização e de estímulo ao associativismo?

**AG** – Começámos por contribuir para o regresso das populações deslocadas que naquele momento se encontravam na cidade da Caála. Acharmos que a forma mais rápida de conseguir que as pessoas regressem - para além da segurança, é claro, que a própria administração dê garantia naquela altura - é criar o mínimo de condições para que as pessoas possam viver. Isso passou pela entrega de sementes, inputs agrícolas etc. Ajudámos também a reactivar vias de acesso para ajudar a diminuir o isolamento do meio rural: reabilitaram-se algumas



pontes e algumas estradas e as pessoas começaram a cultivar as suas terras. Isto não foi muito difícil porque elas regressaram para as suas terras de origem e por isso encontraram já algumas paredes onde se instalaram.

**O** – Podemos considerar que tem havido um impacto claro da vossa intervenção naquela região?

**AG** – Penso que sim... embora não deva ser eu a dizê-lo... Mas nos encontros com as comunidades isso sente-se. O que as comunidades precisavam era de sentir que alguém os acompanha. Nós não fomos os primeiros a ir para, por exemplo, o Km 25 (Lumbandi). As populações foram indo na esperança de que alguém haveria de aparecer para apoiar com alguma coisa.

**O** – Que importância tem a tracção animal para os camponeses da região em que estão a actuar?

**AG** – O gado de tracção é uma prioridade. A primeira prioridade! Lembro-me quando fizemos o diagnóstico em Abril de 98, quando hierarquizamos os pedidos, a primeira coisa que pediam era gado de tracção. Por isso é fundamental investir nisso. Com a falta de enxadas que existe - chegas-se a ver numa lavra uns a trabalharem e outros descansar a aguardar pela enxada por na família só existir uma enxada ou duas numa família que pode ser de oito pessoas... E também como forma de aumentar a área de cultivo o gado de tracção é

uma solução.

**O** – Que impacto teve ou está a ter a iniciativa da criação do Fundo para Junta de Bois?

**AG** – É o que prevíamos caso tivéssemos recebido financiamento para isso através do projecto. Em relação à iniciativa... de início estávamos a olhar para a iniciativa como uma 'brincadeira' que não ia dar nada mas agora vejo claramente que vai dar! Vejo pelo interesse daqueles que já receberam uma junta e charrua, em devolver, para verem que os outros também beneficiem. Não se vê aquele espírito de 'só eu é que tenho! sou o mais poderoso!'. A preocupação de todos é de ver mais juntas na aldeia. A nossa luta agora é vermos se conseguimos pelo menos cinco juntas por cada aldeia. Essa é a meta que a ADRA se coloca. Ainda não sei como. Eu sei que com a devolução dessas primeiras juntas podemos dobrar o número mas vamos ver o que poderemos fazer nos próximos anos para ver se aumentamos o número. Vamos procurar mais uns financiamentos porque a acção voluntária desse grupo foi maravilhosa mas a demanda é muita grande!

**O** – Entendo que estás optimista em relação à perspectiva de reembolso

**AG** – Estou! Nas reuniões que temos com as comunidades, mesmo sem nós tocarmos no assunto, os próprios agricultores que foram beneficiados mostram que estão preocupados com isso. Acredito que logo que se comecem a comercializar os produtos desta campanha agrícola vamos poder ver os resultados.

**O** – A que preço se encontra actualmente um boi de trabalho?

**AG** – No início chegámos a comprar algumas cabeças ao valor equivalente a 300 US\$ mas neste momento não estamos a conseguir bois daquele tipo por menos de 500 US\$. Temos talvez de arranjar bois de outras proveniências. Acho que também agora as pessoas despertaram e viram que o boi é um grande negócio e os valores subiram. Mesmo no gado para abate os valores dos animais subiu. Falo daqueles que são já refugio e que já não dão para a charrua. Temos de procurar outras zonas para compra.

**O** – Existe uma forte corrente internacional nas ONGs ligadas ao desenvolvimento que consideram que as políticas do Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional e os financiamentos obtidos através deles acabam por perpetuar as relações injustas entre países ricos e pobres. Sendo a ADRA uma ONG preocupada com maior justiça nas relações Norte-Sul como vê o facto implementar, na Caála, um projecto financiado pelo Banco Mundial?

**AG** – Acho que sendo esse dinheiro um crédito para o governo de Angola o importante é utilizá-lo de uma forma correcta. Este dinheiro pode ser aproveitado de forma correcta para criar independência naquelas famílias. A ADRA mesmo nos

outros projectos de desenvolvimento não está a trabalhar oferecendo coisas sem contrapartida. Na nossa abordagem nós frisamos sempre que isto é um empréstimo do Banco Mundial, não é uma doação, e que o país vai ter de pagar. Isso ajuda a esclarecer o camponês que aquilo que nos é dado de graça por vezes não tem o mesmo valor. Por isso não estou muito preocupada que seja um crédito. Desde que os fundos sejam bem utilizados para aquelas comunidades que precisam de facto desse apoio - seja a crédito seja por doação as pessoas necessitam de auxílio! É bom que a linha de crédito seja bem aproveitada para que daqui a cinco anos possamos dizer que aquele investimento deu alguma coisa.

**O** – Existe alguma outra coisa que não tenhamos abordado que queiras tratar?

**AG** – Sim! Gostaria de dizer que se por um lado lutamos para que as pessoas se habituem a reembolsar o que recebem, também existem, por vezes, outras intervenções nas mesmas aldeias onde actuamos a dar coisas de graça estragando aquilo que seria bom passar a ser regra. Por exemplo, em algumas aldeias onde as pessoas ficaram muito entusiasmadas quando se começou a falar em receberem uma junta de bois a crédito, surgiram depois organizações a falar em oferecer cabritos e talvez mesmo bois! Automaticamente isso pode criar dúvidas em torno da nossa acção. Não digo que não se possa oferecer nada, mas isso devia ser feito de forma articulada para que a comunidade entenda porque uns estão a oferecer e outros a exigir reembolso.

Desde data Agosto de 2000 que foi criado um fundo com contribuições de vários indivíduos e algumas (poucas) empresas que voluntariamente contribuíram para a recuperação económica de camponeses da região da Caála.

O Fundo visa a compra de gado de tracção e charruas para ser entregue a crédito a camponeses seleccionados por associações de camponeses da região da Caála.

Esta iniciativa começou em Agosto de 2000 e conta no presente com mais de uma centena de contribuintes, cerca de 15.000 US\$ arrecadados e mais de 10 juntas distribuídas. Alguns agricultores já reembolsaram o apoio recebido.

A ADRA é a principal organização a actuar na zona e tem tido um importante papel no desenvolvimento deste fundo a na actividade de animação do associativismo rural.